

DANIELE CRISTINA CARLETTI



ARTE UTILITÁRIA

Possibilidades de questionamentos no processo ensino-aprendizagem

BELO HORIZONTE

2011

DANIELE CRISTINA CARLETTI

ARTE UTILITÁRIA

Possibilidades de questionamentos no processo ensino-aprendizagem

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Juliana Gouthier Macedo
- EBA/UFMG

BELO HORIZONTE

2011

Carletti, Daniele Cristina

Arte utilitária: possibilidades no processo ensino-aprendizagem: Especialização Em Ensino de Artes Visuais / Daniele Cristina Carletti. - 2011
39 f.

Orientador (a): Juliana Gouthier Macedo

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Macedo, Juliana Gouthier II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes III. Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada , ARTE UTILITÁRIA: Possibilidades de questionamentos no processo ensino-aprendizagem de autoria de Daniele Cristina Carletti, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a Juliana Gouthier Macedo (orientadora)

Prof. Amir Brito Cadôr - EBA/UFMG

Belo Horizonte, 08 de outubro de 2011

Dedico esta monografia a todos aqueles que, assim como eu, acreditam na educação enquanto agente transformador e que são protagonistas deste processo.

AGRADECIMENTOS

Embora palavras não consigam expressar o sentimento de gratidão que tenho, agradeço a Deus por mais essa oportunidade de conhecimento. Pela sua proteção quando estava na estrada, por iluminar meus pensamentos durante este meu percurso, por estar em minha vida mostrando-me que tudo posso naquele que me fortalece.

Agradeço a minha família que é a base da minha vida, meu sustento e meu acalento, principalmente minha mãe que todas as vezes se preocupava com meu bem estar e fazia 'meu kit sobrevivência' para poder viajar.

Ao meu namorado que mesmo de muito longe que apoiou e motivou na construção deste trabalho.

A minha orientadora Juliana Gouthier que com toda sua experiência e sabedoria norteava minhas idéias, problematizando situações responsáveis pela construção de um novo pensamento.

Agradeço as professoras entrevistadas que, gentilmente, me ajudaram a refletir e a pensar de uma forma diferente ao compartilhar suas experiências dentro de sala de aula.

Agradeço a Mariana pela sua atenção e disponibilidade na correção da monografia.

E a Tamara, tutora de Artes Visuais do Pólo de Campos Gerais, que com sua paciência e prontidão auxiliava-nos quando necessitávamos de sua ajuda.

.

"Escuta o teu coração, ele conhece todas as coisas; pois onde ele estiver, é onde está o teu tesouro"

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho procura analisar a história da Arte Visuais em alguns contextos históricos, refletir sobre a realidade e a prática pedagógica do professor no ensino fundamental ao se trabalhar arte. Na sua formação muitas vezes defasada, levá-lo a refletir sobre suas dificuldades, buscando superá-las. Para isso, foi realizada entrevista com 4 (quatro) professoras do ensino fundamental. Com os resultados das entrevistas foi abordado, e contextualizado, a arte enquanto área de conhecimento. .

Palavras-chave: arte, conhecimento, contexto-histórico, possibilidades

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – <i>Fonte</i> . Marcel Duchamp. 1917.	27
Figura 02 – <i>Roda de bicicleta</i> . Ready-mader. Madeira e metal, 126 cm de altura. Marcel Duchamp. 1913	27
Figura 03 – <i>Estevão em sua casa</i>	27
Figura 04 – <i>Parte interna da Casa</i>	28
Figura 05 – <i>Parte interna</i>	28
Figura 06 – <i>Roda da Fortuna</i> . Arthur Bispo do Rosário	30
Figura 07 – <i>20 Garrafas, 20 conteúdos</i> .Arthur Bispo do Rosário	30
Figura 08 – <i>Vassouras, madeira, gomo, pelos</i> . Arthur Bispo do Rosário....	30
Figura 09 – <i>Manto da apresentação</i> . Arthur Bispo do Rosário.....	30

SUMÁRIO

Apresentação	11
Introdução	12
1. História do ensino da arte	13
1.1. Contexto histórico do Brasil Colonial.....	14
1.2. Contexto escravocrata	15
1.3. Contexto indígena	16
2. Cenário atual.....	18
2.1. Formação	18
2.2. Contextualização.....	19
2.3. Linha de trabalho	19
2.4 Avaliação	21
2.5. Construção do plano de aula	22
2.6. Desafios e importância.....	22
3. Reflexões decorrentes da entrevista.....	24
3.1. Considerações	25
3.2. Outras considerações a partir das idéias para o diálogo	28
Conclusão	34
Referências.....	35
Anexos	39

APRESENTAÇÃO

Gostaria de contextualizar o leitor sobre minha formação e meu interesse por estudar este tema. Atuo como Terapeuta Ocupacional em duas instituições de educação especial. Assim que iniciei minha prática em uma das instituições, formei um grupo de teatro, Sem Fronteiras, com deficientes auditivos cujo objetivo era utilizar as ferramentas do teatro como expressão, através do uso dos movimentos corporais/faciais.

Como na época era o único grupo que trabalhava com as ferramentas da arte, fui convidada para coordenar um grupo de professoras, de 13 instituições do sul de Minas Gerais, que utilizavam as ferramentas da arte juntamente com seus alunos durante suas aulas. Seus trabalhos eram de grande riqueza, porém com poucos conteúdos próprios da Arte. Diante desta realidade, surgiu a necessidade de realizar uma análise/diagnóstico sobre a realidade que encontrava as aulas de Arte. As entrevistas veremos no segundo capítulo e o resultado com as considerações finais, no terceiro.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação brasileira, o ensino de arte vem sofrendo constantes mudanças. Este trabalho pretende levantar juntamente com o leitor questionamentos e possíveis críticas sobre a visão que se tem da Arte nos dias atuais em algumas práticas educacionais.

Para isso o trabalho abordou a História e o ensino da Arte no Brasil identificando momentos em que a artesanaria e atividades manuais se afastam do pensamento intelectual. Pretende-se não entreter na história em si, mas levantar dados que contribuirão para o estudo e, conseqüentemente, enriquecerão os questionamentos.

No estudo histórico do Ensino da Arte no Brasil, veremos que este perpassa por três tendências conceituais: Ensino de Arte Pré-Modernista (arte como técnica), Ensino de Arte Modernista (arte como expressão e atividade) e Ensino de Arte Pós-Modernista ou Pós-Moderno (arte como conhecimento). Durante este estudo será destacado o Ensino de Arte Modernista, que teve como marco a Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional (LDBEN), de nº 5.692, promulgada em 11 de agosto de 1971, que institui a obrigatoriedade do ensino de artes no Currículo Escolar, caracterizando a arte com o papel de mera atividade, isenta de qualquer conteúdo de ensino.

Veremos a necessidade de argumentos que compreendem a abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa: ler a obra, fazer arte e contextualizar. É desta “necessidade” que fomentará uma nova visão Arte na educação, deslocando-a do lugar de confecção de objetos, recurso de memorização do conteúdo de outras disciplinas, ou até mesmo a arte como forma de “acalmar e descansar” os alunos, para um lugar de construção de conhecimento. Outro objetivo é compreender como os professores estão trabalhando com o ensino da Arte nas escolas, propondo reflexões e possíveis mudanças na prática pedagógica.]

1. BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE

Percorrendo a história do ensino da arte, encontramos que a noção de cultura artística, e das obras contidas nela, irá depender dos valores e pensamentos vigentes em determinada época e lugar, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Portanto, como primeiro ponto a ser considerado ao se pesquisar a relação, no ensino de Arte, com a concepção utilitária desta é o do contexto em que essa idéia pode ter se fortalecido.

1.1 Contexto Histórico Brasil Colonial

Segundo a pesquisadora Ana Mae Barbosa (2003), a partir de estudos realizados sobre a história do ensino de arte, podemos classificar três tendências conceituais, tendo o Modernismo como referência: Ensino de Arte Pré-Modernista, Ensino de Arte Modernista e Ensino de Arte Pós-Modernista. Nessa concepção encontramos na tendência Pré-modernista a arte enquanto técnica. Nesse período o Brasil colonial tinha como tradição o barroco-rococó. A produção artística era realizada de maneira informal, através dos trabalhos manuais dos artesãos, escravos e dos jesuítas. Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, o ensino de arte, assim como toda cultura brasileira, sofreu forte influência européia. Oito anos mais tarde, em 1816, chega a Missão Francesa, que teria, de acordo com Barbosa (2005), estimulado o abandono do barroco e a valorização do neoclassicismo. Assim, as referências greco-romanas passam a nortear instituições, eventos e decorações, sintonizadas com as tradições européias. Ao se valorizar esse estilo cultural na sociedade brasileira, o barroco-rococó perde espaço.

Com isso, os até então artistas do barroco, de origem popular, são 'rebaixados' a artesãos, a trabalhadores com habilidades manuais. A arte como criação, algo sublime e associado ao deleite, cabia apenas à burguesia, àqueles com direito e acesso ao lazer. Essa idéia de arte, associada à elite social, contribuiu para reforçar o afastamento das ditas culturas 'popular' e 'erudita'. Ou seja, o modo de produção se revela determinante nessa categorização, muito mais do que a obra em si. A atividade manual como trabalho cabia apenas aos escravos e à camada popular.

Quando D. João VI, no decreto de 1816, cria a Escola de Ciências, Artes e Ofícios, que só começa a funcionar em 1820, como Academia Imperial de Belas Artes (ABIA), esta é destinada à camada elitizada. Passa-se, então, a reforçar a arte apenas como um “instrumento para modernização” (BARBOSA, 2005, p.21), contribuindo para que as arquiteturas dos setores e produtos públicos tivessem uma melhor estética. Desse modo, o ensino da arte fica restrito a poucos privilegiados, no caso, os nobres.

Nessa passagem da história brasileira é possível perceber os indícios de um fortalecimento nas relações estabelecidas entre a produção artesanal e artística. Ou seja, a arte com fins utilitários, práticos, cabia aos artesãos da época. Pelo preconceito de classe da elite, influenciada pela visão francesa, essa foi atribuída, então, como atividade exclusivamente dos escravos enquanto ofícios manuais. Concomitantemente a isso, as “belas artes” ficaram associadas à burguesia, enquanto símbolo de refinamento. A terminologia “belas artes” incluía a pintura, a escultura e o desenho, que eram por sua vez subordinadas à arquitetura.

A origem desse preconceito, colocada por Barbosa (2003), se relaciona com o que diz Cunha (2000). Segundo este, na cultura ocidental, o trabalho manual, sempre foi uma função atribuída aos escravos e aos ofícios de ferreiros, pedreiros, tecelões e carpinteiros, dentre outros, como castigo. Já o ócio, algo desejável era privilégio de poucos. Isso, de acordo com o autor, teve como consequência a depreciação do próprio trabalho artesanal. Essa relação, ainda de acordo com Cunha, também pode ser percebida pelo menor valor social atribuído às ‘belas artes’ quando comparadas às artes literárias.

Esse distanciamento se amplia quando, segundo Barbosa (2005), o diretor da Academia entre 1854 a 1857, Araújo Porto Alegre estabelece duas classes de alunos, a dos artesãos, composta pela massa, e a dos artistas, formada pela elite econômica. Nessa época, o Brasil passava por importantes mudanças no cenário econômico e educacional: produtos importados invadindo a corte, fim do tráfico de escravos, construções de estrada de ferro e a reforma no ensino das escolas.

E, no caso da Academia Imperial, Araújo Porto Alegre teve forte influência através de seu arrojado plano de medidas que contemplava tanto os objetivos monárquicos quanto as idéias dos artistas da época. Dentre as mudanças, Porto Alegre propõe a criação de cursos técnicos e profissionalizantes objetivando a

preparação de mão-de-obra para as necessidades que gradativamente, e em ritmo veloz, apareciam nesse novo cenário industrializado.

Devido ao conceito já instalado que definia o trabalho manual como algo “degradante” e como ofício realizado unicamente por escravos e negros, Araújo tinha a difícil tarefa de diferenciá-los dos alunos de “Belas Artes”. Para tanto foi necessário a divisão entre alunos-artífices e os alunos artistas, ou seja, a elite dedicava às Belas Artes e a massa às Artes Mecânicas. A definição dos papéis, disciplinas cursadas, tempo de curso e as atribuições dos artífices e dos artistas distanciaram-os e, conseqüentemente, os delimitaram.

Em 1856, por iniciativa do arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831 - 1911), na tentativa de aproximar a arte da educação popular, é criado o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. A Sociedade Propagadora das Belas Artes, responsável pela criação do Liceu juntamente com Bethencourt, se amparava

na idéia de que a arte é uma via fundamental para o aprimoramento das cidades. Os edifícios - desde os monumentais e os governamentais até os pequenos estabelecimentos comerciais e residências - devem ser construídos de acordo com padrões estéticos e artísticos.
(Itaú Cultural, 2006)

Esses defendiam a ligação da produção e criação artística com o avanço industrial, ou seja, as construções arquitetônicas deveriam ser de acordo com os padrões estéticos e artísticos da época.

Após a Revolução Industrial (1889) e a abolição da escravatura (1888), a arte ligada à técnica tende a ser um pouco mais valorizada como forma de “redenção econômica do país e da classe obreira” (BARBOSA, 2005, p.30). Visando atender ao avanço industrial, decorrente da primeira fase da Revolução, a escola brasileira insere o ensino da Arte na escola secundária e primária com ênfase no Desenho, ou seja, a arte enquanto técnica.

Pretendia-se com isso preparar a população, mais especificamente a classe popular, para o trabalho. Dessa forma houve um novo olhar no ensino técnico do desenho – que definiu um caminho restrito para o ensino de Arte nas escolas, ainda distante das concepções associadas à produção artística reconhecida como tal. A implementação das metodologias de ensino de Desenho

influenciaram as concepções de ensino na Escola Normal, que perduram ainda hoje, nas práticas pedagógicas.

Entre os séculos XIX e XX, o Desenho, aparece como importante técnica a ser apresentada. Esta supervalorização intensifica o ensino da Arte aplicado à indústria, o que agrada tantos aos positivistas, que viam no desenho uma educação do caráter e da inteligência, quanto aos liberais, que consideravam essa técnica apropriada para a preparação do povo para o trabalho.

1.2 Contexto escravocrata

Na época do Brasil Colonial a escravidão era uma forma de manutenção da economia, cabendo aos negros as funções consideradas 'menores', relacionadas à artesanaria e à manufatura como as de ferreiro, carpinteiro e pedreiro, dentre outras. Dessa forma, homens livres empenhavam-se em diferenciar o seu trabalho do dos escravos, a quem se destinava os mais árduos e de grande esforço físico. A partir desses preceitos e atribuições sociais, o trabalho é legitimado, nesse período, como um "castigo, e o ócio, um alvo altamente desejável" (CUNHA, 2000, p16).

Entre o século XVII e XVIII este preconceito era tão enraizado que estrangeiros viajantes demonstravam suas indignações através de notas em jornais da época. A crítica ao trabalho manual envolvia, inclusive, a área da saúde, cujos profissionais eram denominados como curandeiros ou cirurgiões-barbeiros. Somente foi desvinculado do trabalho escravo, e não do trabalho manual, através da luta dos profissionais de ensino superior, graduados em Medicina, que defendiam a proibição desse 'charlatanismo', atuação dos não formados na área da saúde, sendo definido essa atuação, como crime pelo Código Penal.

1.3 Contexto Indígena

No Brasil Colonial os índios, também escravizados, foram obrigados a se submeter às funções consideradas menores. Mas, se o trabalho manual era "coisa de escravo", como coloca Cunha (2000, p.16), há outros aspectos das culturas indígenas que as diferencia das demais, importantes de serem pontuadas, mesmo que não aprofundadas, para a reflexão proposta neste trabalho. Entre eles é a colocação de Velthen (2003) sobre a noção de arte para

esse povos, ao ressaltar que a palavra e/ou conceito de arte não é equivalente aos de arte e estética da tradição cultural ocidental.

Corroborando com essa visão, Santos observa que para os índios “o objeto necessita ser mais perfeito em sua execução do que sua utilidade exigiria” (2009, p.190). Ou seja, mesmo que um cocar tenha a mesma funcionalidade em diferentes locais, o que o caracteriza são os detalhes de sua confecção, estreitamente relacionados com os valores, os costumes e as tradições próprias de cada etnia. Isso o torna mais vinculado às “tradições da comunidade em que está inserida, do que da personalidade do indivíduo que a faz (2009, p.191)”.

Nessa perspectiva, não se separa a arte do seu modo de produção, ou seja, o que caracteriza arte não é quem a produz. O indivíduo que faz determinado objeto é, antes de qualquer coisa, parte de uma comunidade indígena que, por sua vez, tem valores singulares. Por isso encontramos estilos diferentes de pintura corporal, próprios de cada tribo. Para Velthem do ponto de vista artístico, não há distinção entre objetos produzidos para serem usados ou contemplados:

O fazer artístico indígena não recai exclusivamente sobre os ornatos de penas e as máscaras; objetos de uso cotidiano podem apresentar elaboração formal e estética que transcende seu desempenho funcional (VELTHEM, 2010, p. 59).

A partir dessa abordagem, ainda de acordo com Velthem, as relações entre os índios e os seus objetos passam, simultaneamente pelos aspectos decorativos, de beleza e de utilidade prática, incluindo também o caráter de contemplação, como aqueles considerados sagrados.

Apesar de seus objetos artísticos serem oriundos de técnicas variadas tais como a tecelagem, cerâmica, entalhe, cestaria, plumária entre outras, isso não faz das artes indígenas serem únicas. Ou seja, os procedimentos técnicos também se relacionam especificamente em cada tribo ou etnia.

2. CENÁRIO ATUAL

Para fazer um paralelo entre o cenário atual das aulas de Arte, e a abordagem da arte enquanto técnica ao longo da história do ensino da Arte, foi realizada uma entrevista com quatro professoras do Ensino Fundamental que atuam em escolas da rede privada e pública, nos municípios Santa Rita do Sapucaí e Cachoeira de Minas, ambos no Sul de Minas Gerais. As quatro entrevistadas são graduadas, sendo três em Pedagogia, uma pós-graduada em Psicopedagogia, e uma em História.

A entrevista, com seis questões¹, buscou conhecer a atuação das professoras em relação às Artes Visuais², a partir das atividades desenvolvidas junto aos alunos, suas escolhas e linhas de trabalho adotadas. O questionário indaga, ainda, qual a importância da avaliação, ou seja, se é realizada, e, se sim, como ocorre. E para uma melhor ilustração do trabalho, abordamos também exemplos de suas práticas, ou seja, como constroem as suas aulas e os desafios que enfrentam para realizá-las. É importante ressaltar que, visando ampliar a discussão, a entrevista foi realizada através do diálogo e não somente via perguntas e respostas.

2.1 Formação

No que se refere à formação artística, é importante ressaltar que apenas uma delas mantém contato com as manifestações de artes da sua cidade, participando e atuando, semanalmente, como aluna, de um grupo de Coral e Teatro. Nenhuma delas tem formação específica em Artes Visuais e uma diz ter a intenção de se especializar. Relatam que no curso de Pedagogia tiveram contato com Artes apenas no 2º e 3º. Período³ nas matérias 'Arte e educação' e 'Corpo e Movimento', esta com subtema em 'Jogos, arte e recreação'.

Descrevem ainda que tiveram oportunidade de estudar História da Arte, porém de maneira superficial e sucinta, uma vez que todo o conteúdo foi

¹ O questionário na íntegra encontra-se no Anexo 1.

² Apesar disso, foram abordadas, pelas próprias professoras, questões referentes a outras expressões, como Teatro e Música, uma vez que, para elas, a disciplina seria Artes, seguindo o modelo da polivalência instituído na década de 1970, mas superado pela LDBN de 1996.

³ Refere-se ao segundo semestre do 1º Ano, e primeiro semestre do 2º. Ano.

abordado em 40 horas/aula. Já a que fez graduação em História, expõe que não houve um estudo mais aprofundado sobre a Arte e sua história, ou seja, não havia uma disciplina específica para tal. Durante o período em que passaram pelo Ensino Fundamental e Médio, lembram que tiveram algumas atividades artísticas, como por exemplo, o desenho, o colorido, a confecção de boneca de pano, ou mesmo, no caso de uma delas, experiência com a tecelagem.

2.2 Contextualização

As entrevistadas atuam com no máximo 15 alunos em sala de aula. Duas afirmam que, em seus planejamentos, consta uma hora/aula⁴ por semana para dedicarem aos trabalhos de Arte⁵. Nesse momento realizam variadas atividades, como a produção de artesanatos, de objetos relacionados com as datas comemorativas, colagens, desenhos e recortes de figuras que poderão, ou não, fazer parte da confecção do artesanato. As outras duas trabalham com o que chamam de Arte ao longo da semana, ou seja, sem um horário específico para a realização da mesma. Afirmam que trabalham com Arte quando julgam necessário. Entre as atividades que desenvolvem, no decorrer da semana, citam as que utilizam o lápis de cor,, a pintura e a colagem para ilustrações de trabalhos realizados em outras disciplinas.

2.3 Linha de trabalho

. Sobre a linha de trabalho seguida em suas aulas, todas colocam a Arte como referência para trabalhos interdisciplinares, ou seja, percebem a possibilidade de relacioná-la com os conteúdos abordados nas demais disciplinas. Elas também observam que a interdisciplinaridade acontece quando a escola propõe um tema como base para a elaboração das aulas. Esse varia, podendo ser referente a datas comemorativas, notícias de grande repercussão e eventos significativos como copa do mundo, olimpíadas e eleições.

. Segundo as entrevistadas, as atividades artísticas que desenvolvem junto aos seus alunos são variadas. Para exemplificar elas citam a pintura, o desenho e a modelagem, utilizando materiais como: argila, giz de cera, lápis de cor, tinta guache e massinha de modelar. Com esses materiais, de acordo com as

⁴ Hora/aula de 50 minutos.

⁵ Lê-se disciplina de Arte.

professoras, é possível trabalhar a coordenação motora fina dos alunos e, concomitantemente, promover possibilidades de escolha, ou seja, permite que as crianças e/ou jovens escolham o tipo de material que irão utilizar durante a construção do desenho. Para trabalhar com os textos de Português, de Ciências, ou com as datas comemorativas, faz-se uso de recursos do teatro (teatralização), através dos fantoches, dedoches e dobraduras afim de facilitar a compreensão e memorização do conteúdo.. Essas ações são apontadas pelas professoras como artísticas, apenas pelo fato de utilizarem ferramentas que consideram pertencentes à Arte. Além disso, duas entrevistadas expõem que recorrem ao desenho livre quando a sala se agita, como um recurso que acalma e tranqüiliza os alunos.

De acordo com as professoras, no seu cotidiano acontecem atividades artísticas sem mediação, baseadas na livre expressão como era defendido por Anita Malfatti (1860-1964), citada por Barbosa (2003) . Durante o diálogo com uma das professoras, esta defende a importância do aluno se expressar utilizando a arte como ferramenta, uma vez que, segundo ela, nas demais disciplinas não há espaço e abertura para que o aluno exponha suas idéias e suas criações. Ela explica que essa possibilidade não pode ser explorada em outras disciplinas por causa da falta de tempo frente às exigências do conteúdo a ser dado durante o ano letivo..

Nas aulas de Arte, segundo essa mesma professora, o aluno é a criatura e o criador, responsável pelas suas criações e invenções, cabendo a ela ser participante ativa do processo ensino-aprendizagem. Quando questionada se nas “feiras de ciências”, o aluno, ao realizar as montagens e maquetes com os conteúdos relativos a esta disciplina, estaria construindo conhecimento em arte ela responde: “o que está agindo no aluno é seu lado artístico”. Para ela, somente a arte permite tal expressão do processo criativo dos alunos e dos seus demais sentidos. Ela também acredita que sua pós-graduação em Psicopedagogia contribuiu muito para este olhar, ao estudar conceitos básicos de psicologia e sua contribuição na formação do indivíduo.

As demais professoras também apostam no potencial criativo que a arte proporciona. Essas, porém, relataram que direcionam o trabalho dos alunos durante as aulas, não os deixando totalmente livre, ou seja, sem as regras ou as normas existentes na sala de aula. Uma delas deu como exemplo o trabalho

realizado com *decoupage*, em caixa de papelão, escolhido para presentear as mães. Como é um processo que necessita de coordenação motora fina e destreza manual, devido ao uso de papel fino para colar e recortar, ela intervêm nessa fase para garantir a qualidade do produto final. O aluno, por sua vez, tem a autonomia de escolher as figuras a serem coladas.

2.4- Avaliação

Quanto à avaliação todas, sem exceção, expuseram que não tem critérios pré-estabelecidos como fazem nas demais disciplinas. Atualmente a avaliação é realizada em conjunto com outras disciplinas. Mas, durante a entrevista, concluíram que é necessário uma nova proposta para que, de fato, possam realizar a avaliação dentro do campo de conhecimento da arte. Apenas uma delas apontou que faz avaliações considerando o aspecto motor (psicomotricidade), no que se refere à coordenação motora fina (preensões, rasgar, picotar), recorte e noção espacial (dentro e fora). Relatou ainda que essa avaliação não é restrita à aula de Arte, mas que é durante as atividades artísticas trabalhadas pode perceber esses aspectos com maior clareza.

Na conversa estabelecida com o grupo, foram citados alguns itens a serem incluídos na avaliação, tais como: capricho, interesse, participação, criatividade e envolvimento com o processo. Embora esses podem vir a acrescentar no processo avaliativo, concordam que é preciso muita pesquisa e estudo para uma compreensão melhor dos conteúdos a serem ensinados/aprendidos em Artes Visuais Para elas os PCN não fornecem informações necessárias e os critérios propostos pelo Ministério da Educação são bastante subjetivos e pouco claros. Nesse sentido, elas defendem que deveria constar, nos documentos oficiais, uma proposta de avaliação mais próxima da prática, com uma linguagem relacionada à realidade de sala de aula. Acreditam que a avaliação não deva ser através da mensuração, quantitativa, como fazem nas demais disciplinas, pois percebem que a arte não pode ser medida com números. Defendendo que não há como mensurar a imaginação, a criatividade e a expressão, pensam que devem investir em uma avaliação a partir de um diálogo construído entre professor e aluno.

2.5- Construção do plano de aula

De acordo com as entrevistadas, a elaboração das aulas de Arte tem uma única fonte, a internet, via o site de busca *Google*. Uma delas relata que utiliza os muitos planos prontos que encontra como auxílio na construção de seu planejamento. A maioria diz que têm idéia do que querem trabalhar mas, por não terem formação específica, sentem muitas dificuldades no momento da elaboração dos planos de aulas.

Ao explicar como organizam o que encontram na internet citam, por exemplo, que trabalham com dicas de como fazer objetos ou animais que se relacionam com os conteúdos das outras disciplinas. Algumas também utilizam a ferramenta para pesquisar sobre a confecção de suas próprias tintas. Sintetizando, argumentam ainda que o fato de ser possível pesquisar o fazer artístico em diversas escolas as ajuda a enriquecer o trabalho dentro de sala a partir do objetivo de proporcionar ao aluno a experiência de atividades diversificadas.

2.6- Desafios e importância

As entrevistadas consideram a aula de Arte com alto teor de importância, que relacionam com a motivação, evasão de sentimentos, capacidade de despertar interesse em relação às disciplinas integradas, criatividade, atenção e melhora na coordenação motora, entre outros. Para exemplificar, uma das professoras conta que, em uma de suas aulas, associou a Arte à Matemática, fazendo um mosaico de E.V.A⁶ com números.. Nesse processo sentiu que os alunos, ao recortarem o emborrachado, trabalharam a coordenação e ao mesmo tempo, motivados pelo contato prazeroso e lúdico com os números, se interessaram pela matemática. Para as entrevistadas o maior desafio é despertar, ou estimular, nos alunos habilidades necessárias para o desenvolvimento das atividades artísticas. Elas também ressentem da falta de recursos para enriquecer as aulas e de apresentações culturais na comunidade onde vivem. Segundo elas, o pouco contato com esse tipo de manifestação restringe as possibilidades de os alunos vivenciarem experiências novas.

⁶ Abreviatura de 'Etil Vinil Acetato', mais conhecida como EVA, é uma borracha não-tóxica muito utilizada em produtos artesanais.

Ao abordar o cotidiano da sala de aula uma das professoras exemplifica sua dificuldade em desenvolver trabalhos artesanais ao se deparar com alunos com pouca habilidade manual. Um desafio que teve que enfrentar ao realizar uma atividade com tapeçaria utilizando um tecido quadriculado e tiras para amarrar. Nessa atividade, que objetivava a identificação, classificação e seqüência das tiras coloridas, presenciou a dificuldade de alguns alunos que não conseguiram amarrar as tiras. O resultado final, um tapete para utilizar em sala de aula, só aconteceu depois da sua intervenção. Mesmo assim, segundo a professora, a atividade foi de grande envolvimento e proporcionou aos seus alunos alegria e orgulho ao exibirem o tapete a todos que entram em sua sala.

Mas, diante dos desafios que encontram para a construção de aulas de Arte, todas, sem exceção, acreditam que é possível superá-los através de um bom planejamento realizado junto com a supervisora pedagógica e muita persistência nas atividades. Elas destacam ainda que o apoio da professora para com os alunos é essencial para que haja um resultado interessante e com participação de todos.

3 REFLEXÕES DECORRENTES DA ENTREVISTA

A partir das entrevistas relatadas, é possível realizar reflexões sob algumas perspectivas: metodologias, planejamentos e sistemas de avaliação. Nesse capítulo focaremos a discussão em como potencializar o ensino de Artes Visuais em sala de aula, discutindo algumas das questões levantadas na observação/entrevista. Um dos pontos de partida foi a análise sobre a necessidade recorrente - que envolve alunos, professoras, coordenação e mesmo a família dos educandos - de se atribuir uma função às atividades trabalhadas, ou seja, de se pensar prioritariamente em 'objetos artísticos' ou 'artesanais' como finalidade das aulas de Arte.

O primeiro ponto a ser refletido é a Arte enquanto área de conhecimento. Voltando na história, nos anos 70, a LDBN⁷ institui a polivalência no ensino das artes, ou seja, reuniu em uma única disciplina, o que foi denominado como 'atividades artísticas' tais como: plástica, música e cênicas - dança e teatro. Nesse momento as aulas de artes ocupavam um lugar de desenvolvimento da criatividade, lazer ou até mesmo de relaxamento, como escreveu Coutinho (2006). Devido a esse descaso, foram realizados inúmeras manifestações e movimentos, por parte dos arte-educadores, objetivando mudanças no ensino das artes. Esses lutaram politicamente, pois defendiam a arte "como um campo de conhecimento específico, com objetivos, conteúdos, métodos de ensino e processos de avaliação da aprendizagem próprios, e não mera atividade" (SILVA, 2011, p.09).

Em 20 de Dezembro de 1996 é promulgada uma nova lei de educação, que contempla também do ensino de Arte, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN nº 9.394,). Na sequência, o Ministério da Educação consolida, através dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) o propósito de "apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres" (BRASIL, 1997, p.05) pretendendo assim fomentar as práticas pedagógicas, gerando reflexões e possíveis modificações com propostas para cada expressão artística. Com isso se extingue a Educação Artística e abre

⁷ LEI N. 5.692, de 11 de agosto de 1971.

espaço para a disciplina de Arte, com a mesma importância das demais disciplinas, ampliando as possibilidades de trabalho com conceitos e conteúdos próprios.

3.1 Considerações

Um aspecto fundamental a ser observado é sobre a formação das entrevistadas. Todas tiveram acesso bastante restrito às discussões acerca da Arte como campo de conhecimento durante a graduação e também pouca participação em manifestações culturais e expressões artísticas locais. Enquanto estudantes do ensino fundamental, não tiveram vivências artísticas significativas ou a oportunidade de perceber a arte como algo além de atividades limitadas ao uso de algumas ferramentas da Arte.

A partir dos relatos, vale a pena discutir a relação da Arte com a “interdisciplinaridade”. Barbosa aborda o termo baseada na idéia de que “a arte pode ajudar a compreensão dos conceitos porque há elementos afetivos na cognição que são por ela mobilizados” (2003, p.01). Ao utilizarmos a arte enquanto ferramenta para a inserção ou complementação de conteúdos, essa permitirá ao aluno melhor envolvimento com o tema a ser trabalhado, isto porque com a arte pode-se utilizar as mãos e o pensamento correlacionando com o contexto presente no cotidiano do aluno. Um exemplo disso seria uma aula com formas e conteúdos da geometria que em interação com a Arte, pode-se desenvolver um planejamento onde envolva as formas geométricas associadas ao trabalho artístico como por exemplo as obras e as idéias de Pablo Picasso, na sua proposição cubista ou nos movimentos concreto e neo concreto brasileiros.

No entanto, na maioria das experiências relatadas, a arte entra apenas para ilustrar, desconsiderando seus conteúdos específicos. É o que coloca Barbosa (2003), ao questionar o papel limitante da arte dentro do processo educativo. A função da arte está explicitamente ligada a ‘experiência consumatória’ de Dewey’, ou seja, a arte na educação extrapola essa idéia de ser usada apenas para “ajudar a criança a organizar e fixar noções apreendidas em outras áreas de estudo”.

O estudo de Coutinho (2006) também ajuda na reflexão sobre a finalidade do ensino da arte além de objeto de expressão, diálogo e interação com outras culturas. Se as possibilidades de diálogo refletem na facilidade de se integrar a

arte às demais disciplinas, não se pode abrir mão da importância do desenvolvimento das aulas de Arte com seus conteúdos e características próprias. Um desafio que se amplia na medida em que a maioria das professoras que estão atuando não tiveram acesso a esses conteúdos de forma significativa.

As entrevistadas também destacaram a necessidade de se construir um processo de avaliação específico para a Arte, que vem sendo feito apenas como parte de uma avaliação do desenvolvimento geral do aluno. As observações quanto ao capricho, interesse, participação, criatividade e envolvimento com o processo, deixa evidente que a avaliação em Arte se limita a aspectos comuns a todas as disciplinas e aos demais professores.

Para se pensar em avaliação em Arte, primeiramente, é necessário perceber a disciplina como área de conhecimento. O CBC – Arte (2006, p.16)⁸, por exemplo, propõe ao professor uma avaliação integrada, ou seja, obter dados não somente quantitativos como também qualitativos, que envolverá os aspectos: factual (fatos e conceitos aprendidos), conceitual (conceitos construídos a partir da resolução dos problemas), comportamental (domínio de transferir o conteúdo aprendido para a prática) e atitudinal (observação quanto a mudança de atitudes). A avaliação deve ser feita não só pelo professor, mas com comunidade envolvida e o próprio aluno. Esse processo, de acordo com o documento, poderá identificar os pontos críticos que necessitam de maior reflexão e traçar possíveis ações significativas que favorecerão o ensino-aprendizagem. É um processo contínuo que exige compromisso de ambos os lados.

O CBC sugere ainda estratégias que podem enriquecer processo avaliativo:

- A construção de uma pasta portfólio contendo todo material produzido;
- Diário de bordo com anotações realizadas e marcadas pelos próprios alunos contendo seus pensamentos e impressões;
- Auto-avaliação que poderá verificar os conteúdos explorados e questionados;
- Entrevista resgatando as idéias apreendidas ao longo do ano.

⁸ No Conteúdo Básico Comum – Arte (2006), a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais oferece apoio ao professor com orientações didáticas, conteúdos curriculares, eixos temáticos e avaliação. Em ambiente virtual, o Centro de Referência Virtual do Professor (CRV - <http://www.educacao.mg.gov.br>) disponibiliza aos professores sugestões de planejamento, roteiros de atividades, fóruns de discussão e vídeos educacionais, possibilitando assim reduzir a distância que existe entre a prática e a teoria.

Aferições conceituais e termos técnicos aplicados tempos em tempos para avaliação do domínio do vocabulário técnico e conceitual da Arte. (PIMENTEL, 2006, p.16)

Outro documento importante é o PCN – Arte (1997, p.45), que abre um leque de possibilidades ao professor, quando inclui outras modalidades das Artes Visuais como a fotografia, as artes gráficas, o cinema, televisão, o vídeo, a computação e a performance, além da pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato e o desenho industrial. Além disso, as expressões artísticas atuais trazem novas proposições, como ações multimídias e as instalações dentre outras. Cabe ao professor abordar essa diversidade sem perder de vista as questões artísticas, que podem ser trabalhadas com recursos sofisticados ou mais simples, adequados às possibilidades de cada escola.

Ainda de acordo com os PCN a educação em artes visuais, “requer um trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos” (BRASIL, 1997, p.45). Ou seja, é necessário desenvolver um planejamento que envolva conteúdos próprios desse campo de conhecimento, relacionados às pesquisas artísticas, a história da arte e abordagens sobre elementos fundamentais como o ponto, o plano, a linha, a superfície, a cor, o movimento, luz e ritmo. Vale ressaltar que esses conteúdos ficam mais ricos quando relacionados com a realidade local onde o aluno vive, a partir de obras de artistas ou expressões estéticas regionais.

Nessa perspectiva o professor, ao explorar as ferramentas da arte interage com conteúdos da Arte. Ou seja, artesanato e outras atividades que necessariamente estão ligados a algum fim, podem ser trabalhados e explorados para além do lugar de utilidade, que, por sua vez, é um importante tema de discussão. Partindo-se da idéia de que todo o fazer pode ser pensado também como teoria, como construção de conhecimento, uma das proposições, a partir da Abordagem Triangular, é contextualizar o trabalho, a partir, por exemplo, de pesquisas na região, buscando conhecer artistas e suas pesquisas estéticas, proporcionando diálogos com outros, com papel importante na história da arte ocidental:

3.2 Outras considerações, a partir de ideias para diálogo

Marcel Duchamp

O artista dadaísta francês Marcel Duchamp (1887-1968) que, segundo Peled (2005) define o valor da obra de arte a interação do espaço onde está inserido a obra, a obra em si, o olhar do expectador e a identificação do artista. Uma das proposições de Duchamp era a seleção e a assinatura, com alguns pseudônimo, de objetos do cotidiano. A estes o artista chamava de *Ready Made* : “um objeto comum é elevado ao estado de dignidade de uma obra de arte pela mera escolha de um artista” (Duchamp apud PELED, 2005).



Fig. 01 – “Fonte”



Fig.02 - “Roda de bicicleta”

Transpondo para a realidade das salas de aula, esta visão abre a possibilidade ao professor de ‘brincar com o objeto’, ou seja, de utilizar diferentes objetos do dia a dia deslocando-o de sua função utilitária para qualquer sentido que o artista queira dar. O criador dá sentido a sua ‘obra’, o que vai definir a sua obra artística será o local a ser exposto.

Estevão Silva da Conceição

Aproximando um pouco ao nosso tempo e espaço, Frota (2005) escreve sobre o artista baiano Estevão Silva da Conceição (1957) que ao deixar sua

cidade natal, viajou pelo Brasil a procura de emprego. Instalou-se na cidade de Paraisópolis (SP). Fez do terreno de sua casa, situada em uma favela, um espaço artístico. Neste construiu os “jardins suspensos” com objetos variados (cacos de vidros e de louça, tampinhas de garrafa, estrelas de madeira).

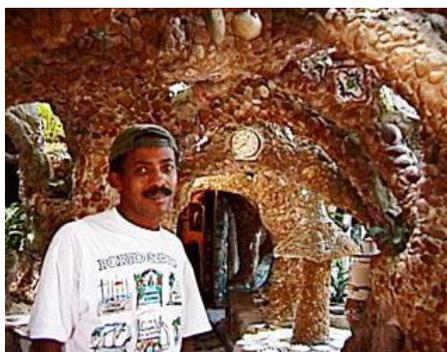


Fig.03 - Estevão no interior da casa



Fig.04 - Parte interna da casa



Fig.05 - Parte interna

Saindo um pouco do tradicionalismo e optando pela junção de diversificados materiais, as aulas de Arte podem se tornar ainda mais ricas. O professor pode trabalhar com inúmeras possibilidades: desde o arrojado colorido das lantejoulas ao brilho intenso do papel laminado, dos retalhos deixados nos cantos pelas costureiras aos azulejos quebrados das construções, dependerá do olhar curioso e imaginativo do artista. Aqui o professor tem papel fundamental, pois a ele cabe instigar, despertar e mostrar aos alunos novos elementos e formas de apropriações que podem compor seus trabalhos artísticos.

Arthur Bispo do Rosário

Outro artista que se destacou. Passou a maior parte de sua vida internado em hospitais psiquiátricos com diagnóstico de esquizofrenia paranóide, alternando entre a realidade e o delírio. Arthur Bispo do Rosário, como era conhecido, nasceu em 1911 em Japaratuba, Sergipe (FROTA, 2005).

Seus trabalhos são conhecidos pela riqueza do bordado, como sua obra “Manto da apresentação” feito a partir de seu encontro com ‘anjos’ onde este deveria ir vestido no dia do juízo final, (tinha o desejo de ser enterrado com o manto, mas acabou não acontecendo), e a diversidade de materiais envolvidos: cadeiras, bules, bóias, garrafas, madeiras, e entre outros, inclusive lixos das próprias instituições por onde passava.



Fig.06 - “Roda da Fortuna”



Fig.07 - “20 garrafas, 20 conteúdos”



Fig.08 - “Vassouras, madeira, goma, pêlos



Fig. 09 - “Manto da Apresentação”

Os artistas apresentados tem como ponto em comum o deslocamento da função dos objetos do cotidiano, ou seja, exploraram materiais variados e a estes aplicam um significado que não necessariamente está ligado ao usual, ou seja, muda o foco de atenção do mesmo. Essa possibilidade abre espaço para o inovador, para a criatividade, para o espontâneo. E mesmo com poucos materiais oferecidos pela comunidade escolar é possível desenvolver ações interessantes com recursos alternativos, pois o objetivo do ensino de arte não se restringe ao produto final, mas envolve o fazer/pensar/pesquisar (GOUTHIER, 2008, p.42)

Dessa forma, ao se utilizar as ferramentas da Arte, é importante que o professor proponha algo além de uma atividade, trabalhando conteúdos específicos das aulas de Arte. Quando nas entrevistas algumas professoras contam que separam uma hora/aula para os trabalhos de arte, fica claro que, neste momento se dedicam ao fazer, sem considerar a importância da contextualização e da percepção proposta por Ana Mae Barbosa através da Abordagem Triangular (SANTANA, 2008).

Outro ponto que merece ser pontuado é a utilização da Arte enquanto 'relaxamento do grupo', ou seja, para acalmar e tranquilizar os alunos. Ao delegar esta função a Arte, o conteúdo que deveria ser trabalhado perde espaço. Assim, ao se pensar numa ideia de tranquilizar ou organizar determinados grupos – um desafio da educação como um todo - deve-se tomar o cuidado de potencializá-la. Por exemplo, ao se propor um desenho, pode-se explorar as características da superfície onde ele será realizado, as cores, os materiais disponíveis e o uso de sombras, dentre outros, evitando-se uma atividade descontextualizada..

Além disso, não é característica da Arte 'acalmar', pois existem momentos nos quais o professor, enquanto mediador, problematiza situações e que, muito possivelmente, a sala se deparará com grandes discussões que, por sua vez podem desencadear a construção de novos conceitos e pensamentos. É necessário ressaltar ainda que existem outros recursos que podem ser utilizados com a proposição de tranquilizar e que não se relacionam diretamente com as aulas de Arte, como a contação de histórias, relaxamentos corporais, vídeos e dinâmicas próprias.

A 'expressão do processo criativo' como exclusivo da aula de Arte também merece ser pontuada, já que exclui que outras disciplinas possam também contribuir para o seu desenvolvimento. Se por um lado a Arte é potente para isso,

por outro, depende de como esta será trabalhada. Como coloca Santana, o processo de criação “se dá no decorrer da pesquisa de cada artista, quando várias possibilidades podem ser percebidas a partir do ato de experimentar” (2008, p.26). A experimentação é o que irá permitir um diálogo mais estreito entre os procedimentos técnicos, conhecimento e investigação e, ainda provocar o aparecimento de questões específicas como o tipo de material, percepção dos sentidos, local do ateliê, entre outras. Nesse processo, se pode errar, tentar, e recomeçar. Ou seja, as escolhas possibilitam aos alunos a dúvida, e conseqüentemente, novas descobertas.

Outro aspecto observado nas entrevistas é a preocupação quanto à ‘qualidade do produto’, o que demanda uma discussão sobre padrões estabelecidos e o respeito às habilidades e capacidades dos alunos. O importante, como aponta o CBC, é que haja a possibilidade de que as crianças e jovens superem suas dificuldades. Ou seja, a proposta não deve ser baseada em erros e acertos, mas, muito mais nas discussões que poderá fomentar, no pensar e pesquisar questões estéticas de diferentes referências e ‘qualidades’. Neste mesmo pensamento segue o enfoque pelo capricho. As vezes são padrões de beleza impostos por uma referência estética padronizada e que é legitimada como correta, como por exemplo as margens coloridas no caderno antes da realização de algum desenho, o recorte de letras arredondadas com tesoura, o colorido da flor que deve ter o miolo amarelo e o caule verde. Questões como essas merecem ser abordadas através da problematização que pode ter como base o que Barbosa coloca “Arte não tem certo e errado, tem o mais ou menos adequado, o mais ou menos significativo, o mais ou menos inventivo” (2005, p. 8).

Nesse sentido, Coutinho localiza a disseminação dessa idéia no Brasil, em meados do século XX, através do Movimento Escolinhas de Arte que defendia a arte para o desenvolvimento da “criatividade, imaginação e a sensibilidade através de sentimentos e idéias nas linguagens artísticas” (2006, p.03),. Na década de 70, a absorção dessa idéia responsabilizou o ensino de arte como “único espaço humanizador” (p.04) deixando de lado as questões próprias da arte. Cabia ao professor de Arte tornar os alunos melhores. Isto deveria ser parte do projeto pedagógico como um todo e não competência somente desse, que, assim como os outros, não tem formação específica para essa atuação.

É importante ressaltar que no texto de Silvia (2011), a concepção de arte Modernista enquanto expressão, capaz de oferecer possibilidades às crianças como a liberdade criadora, a livre expressão e a espontaneidade, teve como grandes divulgadores os psicólogos e os artistas. As experiências terapêuticas promovidas por essa corrente inspirou um novo ideal pedagógico, onde o professor deveria intervir no mínimo possível no trabalho artístico realizado pelo aluno. Esse recorte permite localizar a contribuição da psicologia ao olhar para o sujeito no momento do processo ensino/aprendizagem, mas, por outro lado, pode também conduzir a interpretações de que cabe ao professor de arte apenas 'deixar fazer'.

Ou seja, a ideia de que a arte não é ensinada e sim expressada e que o conhecimento artístico ocorre de forma espontânea, contribuiu para esvaziar a percepção dessa como um campo de conhecimento, deixando como mera atividade sem conteúdos próprios. Essa ideia superada nos documentos oficiais, como PCN e CBC, no cotidiano das escolas ainda é recorrente, se colocando como desafio permanente ações para se ampliar o repertório artístico, o estímulo à criação a partir do conhecimento de obras e de pesquisas de artistas e da valorização dos pensamentos artísticos e da imaginação.

CONCLUSÃO

A arte está inserida no cotidiano das professoras de acordo com a formação que essas tiveram no decorrer de suas vidas. Suas experiências e vivências são a base para a realização de algum tipo trabalho nesta disciplina, e conseqüentemente, seu planejamento é de acordo com esta vivência. Daí a importância de um maior investimento para ampliação do repertório de todos, educadores e educandos, desta bagagem para a construção de um novo saber.

Percebe-se que independentemente das atividades trabalhadas, é necessário pensar a partir da arte e as contribuições que essas atividades podem oferecer na construção do conhecimento dessa disciplina. Fazer e pensar de forma mais complexa, com novas perspectivas, não se limitando apenas na utilização de ferramentas que são próprias da arte. Os materiais a serem trabalhados podem ser os mais diversos, mas o que vai fazer enriquecer o trabalho será o saber relacionar com os conteúdos e elementos próprios das artes visuais. Os artistas citados no terceiro capítulo são exemplos para perceber que é possível potencializar este trabalho, é possível ensinar arte dialogando com o interesse do aluno contextualizando-o com obras próximas a ele.

A história do ensino da arte vem mudando lentamente, e com ela, novos paradigmas vão se criando. Essa transformação requer um trabalho de estudo e envolvimento por parte dos educadores, pois sem crítica não há trocas e sem trocas pouco se pode avançar na construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo, 2005.

BARBOSA, Ana M. “Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós modernismo”, *Revista digital Art&*. n.0. 2003. Disponível em <<http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm>> Acesso em 04 mai. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COUTINHO, Rejane. *O compromisso político do professor com o ensino de Arte*. São Paulo: Unesp. 2006

CUNHA, Luiz Antonio. *O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ENCICLOPÉDIA das Artes Visuais do Itaú Cultural. *Liceu de artes e ofício do Rio de Janeiro*. Disponível em:

<http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=instituicoes_texto&cd_verbete=5368>

Acesso em 05 Set. 2011.

FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

GOUTHIER, Juliana. *História do Ensino da arte no Brasil*. Apostila Curso de Especialização em ensino de artes visuais. Vol. 1. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG. 2008.

PELED, Yiftah. *Ready Made: Inclusão Ruidosa*. Florianópolis: Anpap. 2005

PIMENTEL, Lúcia Gouveia; CUNHA, Evandro José Lemos da; MOURA, José Adolfo. Proposta Curricular CBC Arte Ensino Fundamental e Médio. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2006

SANTANA, Samara. *Fundamentos de Ensino de Artes Visuais*. Apostila Curso de Especialização em ensino de artes visuais. Vol. 1. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG. 2008.

SANTOS, Maria das Graças Proença. *História da Arte*. São Paulo: Editora Ática. 2009.

SILVA, Everson Melquiades; ARAÚJO, Clarissa M. “Tendências e Concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação”. *GE: Educação e Arte*. n.01. ANO??. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf>

Acesso em 03 mai. 2011.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. “Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos”. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, 2010.

Referencia das imagens

DUCHAMP, Marcel. *Fonte*. 1917. Disponível em <<http://esculturasmodernas.blogspot.com/p/duchamp.html>>. Acesso em 06 jun. 2011.

DUCHAMP, Marcel. *Roda de bicicleta*. 1913. Disponível em <http://www.niteroiartes.com.br/cursos/la_e_ca/modulos2.html>. Acesso em 06 jun. 2011.

Estevão em sua casa. Disponível em:

<<http://nanamada.blogspot.com/2007/06/paisagens-urbanas-estevo-silva-da.html>>. Acesso em 06 jun. 2011.

Parte interna da casa. Disponível em:

<<http://nanamada.blogspot.com/2007/06/paisagens-urbanas-estevo-silva-da.html>>. Acesso em 06 jun. 2011.

Parte interna da casa. Disponível em:

<<http://nanamada.blogspot.com/2007/06/paisagens-urbanas-estevo-silva-da.html>>. Acesso em 06 jun. 2011.

ROSÁRIO, Arthur Bispo. *Roda da Fortuna*. Disponível em:

<<http://www.imaginariopoetico.com.br/arthur-bispo-do-rosario/>>. Acesso em 06 jun. 2011.

ROSÁRIO, Arthur Bispo. *20 Garrafas, 20 conteúdos*. Disponível em:

<<http://www.imaginariopoetico.com.br/arthur-bispo-do-rosario/>>. Acesso em 06 jun. 2011.

ROSÁRIO, Arthur Bispo. *Vassouras, madeira, gomo, pelos*. Disponível em:

<<http://www.imaginariopoetico.com.br/arthur-bispo-do-rosario/>>. Acesso em 07 jun. 2011.

ROSÁRIO, Arthur Bispo. *Manto Sagrado*. Disponível em:

<<http://www.imaginariopoetico.com.br/arthur-bispo-do-rosario/>>. Acesso em 06 jun. 2011.

ANEXO A

Entrevista

Nome: J.M.C.

Contato com a arte: Formou em História, pós-graduada em psicopedagogia . Participa do Coral e teatro de sua cidade. Enquanto estudante no ensino fundamental teve contato com a pintura, desenho e confecção de bonecas.

1. Aponte três atividades artísticas que desenvolve junto aos seus alunos.

Argila (com a modelagem), Pintura e música

2. Existe alguma linha de trabalho que você segue em suas aulas de Arte? Qual (is)? Se não, o que você prioriza?

De acordo com a recepção dos alunos e a participação deles. Realiza adaptação com as técnicas aprendidas no conservatório. Gosto de trabalhar também com sucata, pois é um material sem custo e os alunos podem levar seus objetos para casa.

3. Existe algum tipo de avaliação na sua disciplina? Como acontece?

Sim, através da participação dos alunos. Se estes estão envolvidos, demonstram interesse. Normalmente junto com as disciplinas integradas.

4. Dê um exemplo de como você elabora suas aulas.

Quando estão agitados procuro músicas mais clássicas para que estes se acalmem. A elaboração é feita de acordo com a rotina dos alunos, ou seja, tenho uma aula por semana.

5. Cite dois exemplos de aspectos importantes da aula de Arte e dois problemas, ou desafios, que encontra.

Considero importante pois com a arte os alunos expressam suas emoções e extravasam seus sentimentos. É um desafio trabalhar com eles pois são instáveis na sua vontade. As outras matérias não oferece esta oportunidade do aluno criar, explorar. As exposições e feiras de ciências pode até dar este espaço mas não ocorre transformação interna, mas é seu lado artístico que fala mais alto.

Nome: C.C.E.

Contato com a arte: Formou em Pedagogia. Prestigia teatros quando tem oportunidade. Enquanto estudante no ensino fundamental teve contato com a pintura, desenho e massa de modelar.

1. Aponte três atividades artísticas que desenvolve junto aos seus alunos.

Pintura com giz de cera, lápis de cor e tinta, recorte e colagem de E.V.A. e revistas, texturas com folhas e música para trabalhar movimentos com o corpo (descontração).

2. Existe alguma linha de trabalho que você segue em suas aulas de Arte? Qual (is)? Se não, o que você prioriza?

Utilizo como recurso o livro "Arte eu gosto"que contém atividades variadas e procuro diferenciar as aulas de acordo com que é trabalhado nas outras disciplinas, de forma interdisciplinar. Quando vou trabalhar com matemática, os alunos recortam o E.V.A. e colam sobre o número trabalhado. Nisto trabalha-se a coordenação motora fina, atenção, capricho.

3. Existe algum tipo de avaliação na sua disciplina? Como acontece?

Durante as atividades realizadas. Priorizo o capricho, interesse, participação, envolvimento. Normalmente junto com as disciplinas integradas. Não temos contato com o PCN, normalmente fica guardado na escola, sem muito uso. Não acredito em uma avaliação quantitativa, pois avaliar arte é muito difícil justamente por não ser quantitativa.

4-Dê um exemplo de como você elabora suas aulas.

Através da internet (Google) onde encontro atividades variadas para poder oferecer ao aluno variedade. As vezes dou o desenho livre depois do recreio, pois é uma forma de tranquilizá-los e acalmá-los.

5. Cite dois exemplos de aspectos importantes da aula de Arte e dois problemas, ou desafios, que encontra.

Considero importante pois trabalha com motivação, a interdisciplinaridade. Os alunos apresentam e gostam de atividades como o desenho, pintura pois são mais livres e não é necessário direcioná-los. Acredito que é o único momento que acontece o processo de criação, pois nas outras disciplinas há muito conteúdo o que impede do aluno expor suas idéias e pensamentos.

Nome: D.A.C.

Contato com a arte: Formou em Pedagogia. Acredita não ter habilidades artísticas. Enquanto estudante no ensino fundamental teve contato com a pintura, desenho, massa de modelar e tecelagem.

1. Aponte três atividades artísticas que desenvolve junto aos seus alunos.

Pintura nos numerais, letras, desenho livre, recorte e colagem (E.V.A., papel cartão).

2. Existe alguma linha de trabalho que você segue em suas aulas de Arte? Qual (is)? Se não, o que você prioriza?

Sempre envolvo a arte nas demais disciplinas buscando a interdisciplinaridade. Ao trabalhar com números envolvo as formas geométricas, colorido, a punção, o recortar, o colar dentro.

3. Existe algum tipo de avaliação na sua disciplina? Como acontece?

Durante as atividades realizadas. Percebo se melhorou o recorte, o colorido dentro e fora, se tem participação na atividade. (OBS: perguntado sobre o PCN). Acho muito difícil, pois não é uma realidade para cidades pequenas.

4-Dê um exemplo de como você elabora suas aulas.

Utilizo o recurso da internet. Encontro atividades realizadas em outras escolas, modelos de planos de aula. Para haver um bom envolvimento com os alunos é necessário um bom planejamento, com orientação da supervisora pedagógica.

5. Cite dois exemplos de aspectos importantes da aula de Arte e dois problemas, ou desafios, que encontra.

Considero importante pois desperta o interesse em relação as demais disciplinas, criatividade. O maior desafio é que apresentam grandes dificuldades motoras. Nas atividades de confeccionar objeto, é necessário o toque final para que o resultado tenha qualidade. Um outro desafio é a falta de materiais oferecidos pela escola, isto dificulta muito o trabalho.

Nome: L.A.J.

Contato com a arte: Formou em Pedagogia. Gosta muito de artesanato. Realiza para vender. Enquanto estudante no ensino fundamental teve contato com a pintura, desenho, modelagem e tecelagem.

1. Aponte três atividades artísticas que desenvolve junto aos seus alunos.

Fantoches, dedoches e dobraduras. Como na escola este ano o tema é valores, todas as atividades estão relacionados a isto.

2. Existe alguma linha de trabalho que você segue em suas aulas de Arte? Qual (is)? Se não, o que você prioriza?

Busco Relacionar com o conteúdo que está sendo trabalhado em outras áreas (português, matemática, ciências). Percebo que os alunos realizam com mais motivação e interesse quando essas áreas estão relacionadas.

3. Existe algum tipo de avaliação na sua disciplina? Como acontece?

Sim. Avalio pela vivência nas atividades, compreensão do processo da técnica ensinada e entendimento do mesmo.

4-Dê um exemplo de como você elabora suas aulas.

Programo em cima das aulas de outras disciplinas (temas da escola, data comemorativa ou algum evento importante que está ocorrendo). Procuo trabalhar com música também, pois os alunos gostam e lembram de sua infância ou fatos que aconteceram.

5. Cite dois exemplos de aspectos importantes da aula de Arte e dois problemas, ou desafios, que encontra.

Acho que é importante pois trabalha com coordenação motora, atenção, autonomia, os alunos participam mais. Um grande desafio é que os alunos não tem muita habilidade manual. Quando vamos fazer uma caixa de decoupage, os alunos escolhem a imagem e a cor que irá pintar a caixa, mas não posso deixá-los soltos, pois não tem habilidade para iniciar e finalizar o produto. Neste momento eu interfiro. Teve uma outra atividade de tapeçaria (quadriculado com tiras para amarrar) que o aluno teve grande dificuldade em amarrar. Tive que finalizar para que houvesse o produto final. Embora tenha ocorrido este fato, os alunos ficaram muito felizes ao verem seu trabalho na porta da sala.